

1. Serra Montejunto

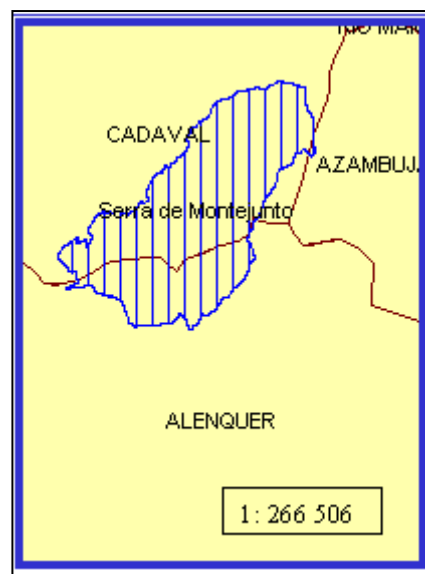
A Serra de Montejunto foi classificada Área de Paisagem Protegida em Julho de 1999, e Sítio da Rede Natura 2000 (lista europeia de sítios de interesse para a conservação da natureza)

A destacar-se na paisagem, entre Cadaval, Alcoentre, Alenquer e Vila Verde, ergue-se a serra de Montejunto, com 15km de extensão e 7 de largura, atingindo no ponto mais elevado 666 m, de onde se desfruta um vasto panorama.

A vegetação que reveste esta formação de natureza calcária é em parte constituída pelas plantas espontaneamente adaptadas às condições ecológicas que a mesma oferece, dominando a azinheira e o carrasco, além de algumas espécies botânicas que só ali se encontram.

Da natureza geológica e conformação da serra resulta a abundância de água, proveniente das nascentes que a rodeiam e que, recebida numa vasta bacia fechada, se infiltra por orifícios ou algares.

Como normalmente se verifica em formações geológicas idênticas, existem na serra grandes cavernas onde foram encontrados vestígios de uma fauna há muito extinta no País. De facto, no passado a serra era coberta por uma densa mata onde abundavam os animais bravios.



Apesar das árvores já não constituírem um dos elementos naturais mais comuns em Montejunto, porque o fogo ceifou muitos hectares de floresta ao longo destes últimos quinze anos, a que se somam os efeitos negativos provocados pelo plantio crescente de eucaliptos, é ainda possível encontrar em Montejunto a sombra e a frescura de pequenos bosques de castanheiros, cedros, ciprestes, pinheiros e o verde da extensa manta das espécies arbustivas: carrascos, carvalhiça, azinheiras, loureiro, aroeira, medronheiros, etc. Também a beleza das cores do alecrim, rosmaninho, rosa albardeira e das muitas dezenas de espécies de flores silvestres raras, constituem uma área de estudo muito interessante.



2. Flora de Montejunto

Além de parte da serra estar quase desprovida de vegetação devido aos fogos, os carvalhos, os castanheiros, azinheiras, pinheiros mansos e bravos, carrasqueiros, azinheiras, pinheiros mansos e bravos, carrasqueiros e outras espécies arbustivas constituem a sua vegetação predominante.

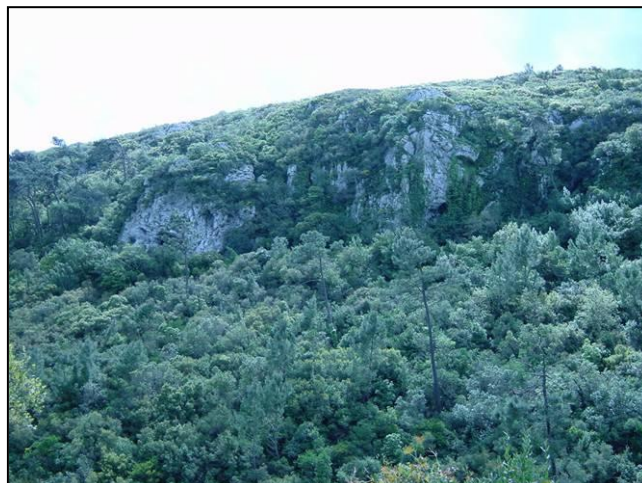
A actual vegetação da serra é o resultado da acção humana ao longo dos tempos e dos fogos que ultimamente têm devastado a região. No Furadouro, um pequeno bosque, composto essencialmente por castanheiros (*Castanea sativa*) e de Cedros (*Cupressus* sp.), e ainda e essencialmente por carvalhos (*Quercus faginea*), constitui a melhor aproximação ao que seria o primitivo coberto vegetal da região.

Um pouco por todo o lado, os Eucaliptos (*Eucalyptus globulus*) vão aumentando a sua presença.

A partir das nossas observações e do estudo de fotografias aéreas, decidimos destacar as manchas vegetais segundo um critério de facilidade de observação:

o porte. Considerámos dentro do porte arbóreo algumas espécies como o Castanheiro (*Castanea sativa*), o Sobreiro (*Quercus suber*), uma espécie de Carvalho (*Quercus faginea*) e destacámos também as áreas de cultivo e pastagem.

No que respeita á vegetação endémica, ela ocupa grande parte da Serra e embora se trate de uma vegetação predominantemente rasteira é, mesmo assim, importante pela variedade de espécies que apresenta. Algumas espécies raras foram já detectadas, nomeadamente orquídeas silvestres.



Algumas manchas pequenas de Carvalhal, provavelmente restos de uma distribuição outrora mais vasta, resistem ainda á plantação de eucaliptos. Na zona do Furadouro, uma pequena mata de vegetação muito densa apresenta grande variedade de espécies, fazendo lembrar áreas de Reserva Integral da Serra da Arrábida.

A cultura do Pinheiro Manso, um pouco espalhada por toda a Serra apresenta algum interesse a nível do ecossistema, tendo em conta a fauna variada que dela beneficia.

..

Ainda não suficientemente estudado o revestimento vegetal da Serra de Montejunto é, assim, essencialmente constituído por manchas de espécies arbóreas de castanheiros, sobreiros, carvalhos e pinheiros, intercaladas com áreas de cultivo e pastoreio; disseminado um pouco por toda a parte um manto de espécies arbustivas constituem a mancha predominante da Serra (Tojo, Carrasco, Medronheiro, Pilriteiro, Alecrim, Giesta, Urze) rica pela variedade das espécies que apresenta, algumas delas bastante raras como é o caso da orquídea silvestre, ou vistosas como a rosa albardeira e a dedaleira.

Modernamente, e após os grandes fogos, a Serra está a ser invadida por uma espécie exótica, o eucalipto que constitui uma verdadeira praga.

3. Fauna de Montejunto

A Serra de Montejunto possui um ecossistema de montanha, muito diferente do da região envolvente, devido a:

- Sistema de escarpas
- Acentuado declive das suas vertentes
- Altitude



Em termos geo-morfológicos a serra inviabiliza qualquer povoamento humano. O que felizmente significa uma riqueza faunística única. Com base nos estudos e observações por nós efectuadas podemos já apresentar uma pirâmide ecológica da Serra. Embora não a consideramos definitiva, será contudo o suporte essencial de uma outra mais elaborada, para o que será necessário um conjunto de estudos específicos que desde já nos propomos levar por diante.

No primeiro nível, os seres produtores constituem um conjunto de várias combinações vegetais. Esta diversidade permite a existência de uma grande variedade de consumidores de primeira ordem. Para além da diversidade, a inexistência de produtos tóxicos usualmente utilizados na agricultura na agricultura, confere às populações de primeiros consumidores da Serra a preciosa característica de não constituírem perigo para os seus predadores. Com estas populações abundantes, variadas e saudáveis, abre-se caminho da melhor maneira para os níveis superiores.

Imediatamente acima deste nível surge o das espécies que se alimentam principalmente de insectos e pequenos invertebrados: Batráquios, Quípteros, Insectívoros e algumas pequenas aves dependem quase exclusivamente do nível trófico anterior. Juntamente com algumas espécies vegetais e de passeriformes, é nos dois últimos estratos predadores e super-predadores que se encontra o mais valioso património genético da Serra. Ainda que executando a tarefa indiscutivelmente necessária do controlo de pequenos mamíferos (nomeadamente roedores), estes grupos têm sofrido nos últimos anos uma substancial redução dos seus efectivos.



Na Serra de Montejuento já foram identificadas cerca de 115 espécies de aves, entre elas a gralha-de-bico-vermelho, o corvo, o gaio, o melro azul o pica-pau verde, o peneireiro e a águia-de-asa-redonda. Existem 3 espécies consideradas em vias de extinção, e por isso rigorosamente protegidas: o Bufo-real, a Águia de Bonelli e o Andorinhão Real. O primeiro é uma rapina nocturna que chega a medir 75 cm, e é o único super-predador da pirâmide ecológica representativa da Serra.

Entre os mamíferos destacam-se o gato-bravo, os texugos e sobretudo várias espécies cavernícolas de morcegos, uma das maiores riquezas faunísticas da serra e que estava na base da sua inclusão na lista da Rede NATURA 2000.

Existem também reptéis como o sardão, a cobra rateira e a cobra de ferradura e alguns anfíbios como o sapo-comum, a salamandra de pintas e o tritão-marmorato.

4. Ameaças ao Montejuento

Florestação

A plantação, em larga escala, de algumas espécies vegetais como o eucalipto (*Eucalyptus globulus*), tem vindo a alterar de forma irreversível a fisionomia da serra e da região.

Existe também o problema de existirem empresas que querem executar trabalhos de terraplanagem de uma das encostas e de parte do planalto para a plantação de Eucaliptos, com o fim da obtenção de celulose. A concretizar-se, a florestação com Eucaliptos constituirá rude golpe na fauna serrana.

Pela gravidade de que se reveste, esta é a principal ameaça com que se defrontam as aves de presa e os outros animais do Montejuento.

A caça

Existem na área zonas de proibição de caça, estando a restante área sujeita ao Regime Geral. No entanto realce-se que a caça ilegal tem sido



Águia ferida por tiro

um factor importante de perturbação com efeitos graves na fauna em geral. Apesar de protegidas pela lei, nem por isso as rapaces deixam de ser perseguidas pelos caçadores e populações rurais.

A pilhagem dos ninhos e o abate de aves para embalsamar ou pelo simples prazer de destruir, são procedimentos correntes, responsáveis pelo desaparecimento anual de dezenas de aves de presa na região.

Os fogos [A Serra de Montejunto foi grandemente devastada por imensos incêndios ...]

Os fogos são também uma das preocupações e uma das maiores ameaças para a serra de Montejunto. Estes ao longo dos anos têm destruído zonas da serra muito bonitas e interessantes, pondo também a descoberto grandes e largas extensões de ossatura pedregosa da serra.

Pressão Humana

Dada a proximidade de Lisboa e as excelentes condições naturais que oferece, a serra de Montejunto é bastante procurada para a prática de modalidades desportivas como a asa delta, o montanhismo e antigamente o rallye (agora substituído pelo todo-terreno).

Estas práticas desportivas perturbam o ambiente natural e as espécies, e têm vindo a ser praticadas a uma escala crescente. A perturbação causada por estas actividades pode constituir uma ameaça grave que importa ter em conta.

A asa delta e o parapente são desportos com grandes impactes por estar muito próximo dos locais mais interessantes e sensíveis da serra – as escarpas.

Exploração de inertes

A extracção dos calcários em moldes industriais é uma actividade relativamente recente nesta área sendo no entanto de referir as duas pedreiras situadas em Rocha Forte.

Nas áreas periféricas há ainda que referir a extracção de areias e de argila.

5. Climatologia do Montejunto

No capítulo do clima, a Serra possui, em valores médios anuais, uma temperatura média do ar que varia entre 12,5º C e 16º C. Sendo dividida ao meio com a orientação SW-NE, tendo o flanco Oeste valores entre 12,5º C e 15º C e o flanco Este valores entre 15º C e 16º C.

A insolação na Serra varia de 2400 a 2600 horas por ano.

A Serra nesta matéria é dividida em duas partes na direcção N-S, havendo na metade Oeste uma gama de valores entre as 2400 a 2500 horas e na outra metade, uma gama de 2500 a 2600 horas.

A quantidade total de Radiação Solar global varia entre 140 e 145 Kcal/cm².

A Precipitação, na Serra de Montejunto, é, no que concerne à quantidade total, de 800 a 1000mm por ano



e, em termos de número de dias no ano (com precipitação igual ou superior a 10 mm) temos um total de 75 a 100 dias. A quantidade de água devolvida á atmosfera, isto é, a Evapotranspiração Real é, em média de 600 a 700 mm por ano.

O escoamento, no que respeita á quantidade de água na rede hidrográfica, é anualmente em média de 200 a 300mm.

Em termos de humidade relativa do Ar ás 9 h T.M.G., os valores observados na Serra estão entre 75 % a 80%.

A consulta do Atlas do ambiente da Comissão Nacional do Ambiente, no que respeita a número de dias de Geadas por ano, indica-nos valores entre 1 a 5 dias. No entanto, observações feitas por nós, leva-nos a supor que estes valores serão largamente ultrapassados.

6. Geologia de Montejuento

A Serra de Montejuento apresenta-nos, sob o ponto de vista geológico, vários tipos de estrutura. É este o caso dos Aluviões Modernos que existem ao longo das principais linhas de água da região. Grande parte destas linhas descem das vertentes meridionais da Serra, confluindo essencialmente nas regiões de Cabanas de Torres e Abrigada, e pertencem à rede hidrográfica da Ribeira de Alenquer, havendo, no entanto, outras redes hidrográficas, como sejam as de Rio Maior e a da Ribeira da Lourinhã que possuem também linhas de água na Serra.



Encosta do Bom Santo (Sul)



Cascalheira

Existem, por outro lado, depósitos de vertentes situados na área de Pragança, onde atingem por vezes certa espessura, sendo constituídos, em geral, por brechas calcárias mais ou menos cimentadas. Podemos também encontrar este tipo de depósitos, no Areiro, perto do Quartel da Esquadra nº 11.

Do ponto de vista estrutural e tectónico, a referida Serra está dividida em 2 partes por uma zona de fracturas transversais. A zona NE é limitada, do lado oriental, por falhas de orientação NE-SW e o contacto entre as formações Mesozóicas e Cenozóicas é mais ou menos vertical, com tendência para cavalgamento das primeiras sobre as segundas, na zona de S. Salvador e Pedreira. Na área do Cercal e Pragança as falhas mais ou menos verticais têm uma orientação aproximadamente N-S. A zona SW da Serra de Montejuento está caracterizada pela presença de diversas falhas de orientação NE-SW e na área de Cabanas de Torres, Vila Verde dos Francos e Maxial, falhas de assentamento transversal, mais modernas cortam as falhas NE-

SW.

Os recursos minerais estão representados por materiais de construção, de empedramento, por produtos betuminosos (petróleo e betume), pelo possível sal-gema e águas minerais. Nos materiais de construção e empedramento: os saibros e as areias do Jurássico Superior e sobretudo do Cretácio são aproveitados para obras; as argilas terciárias da região de Abrigada, são aproveitadas para cerâmicas; os calcários são aproveitados para brita, preparação de cal e construção (estes calcários podem ser encontrados a SW de Montejunto entre Vila Verde dos Francos, Avenal e Pragança e a NW entre Pragança, Rochaforte, Cercal e S. Salvador). No que respeita a produtos betuminosos, numerosas impregnações de petróleo líquido castanho e betume, são conhecidos ao longo da dobra anticlinal de Montejunto. São quase todas localizadas nas seguintes áreas:

- A NW e NE do Convento da Visitação (Vila Verde dos Francos).
- No flanco W da Serra, a E dos moínhos da Serra.
- Nos calcários de Montejunto, a SE de Rochaforte.
- Ao longo das falhas que cortam as camadas de Montejunto.
- Nos grês do Cretácio de Rochaforte.

No capítulo das águas minerais, a água de mesa correspondente à nascente ao Convento da Visitação tem as seguintes características:

- Temperatura 14,8 °C
- Alcalinidade 45,6 m1N/10
- Resíduos secos 374,8 mug/1
- PH 6,84
- Aniões dominantes (em milivares); CO₃ H (4,56), C1 (1,12), SO₄ (0,55), NO₃ (0,03).
- Catiões (em milivares); Ca (4,56), Na (1,54), Mg (0,16), Fe (0,004).
- Radioactividade Rn 2,94 muC/1.

Trata-se de uma água cloro-bicarbonatada.

No respeitante à hidrologia, os Serviços Geológicos realizaram 2 furos na depressão da Quinta da Serra que atingiram, 66m e 74m de profundidade, sem encontrar água.

7. Geomorfologia de Montejunto

A Serra de Montejunto localiza-se na unidade morfoestrutural genericamente designada por Orla Ocidental ou Lusitaniana (Leitão, 1998). Este relevo, onde os calcários do Jurássico são dominantes, "constitui uma elevação anticlinal, local" (Mohr, 1949 in Leitão, 1998), sendo atravessado por diversas falhas, as quais deram por vezes origem a extensas linhas de escarpas.

Segundo Leitão, 1998, existe uma ligação muito forte entre as características litológicas e estruturais das rochas aflorantes, bem como



Gruta dos "Buracos Mineiros"

do jogo dos acidentes tectónicos com a morfologia. As regiões calcárias estão sujeitas a processos de carsificação, como consequência da circulação da água. Esta acção mecânica e/ou química da água sobre as rochas carbonatadas, dá origem a diferentes formas cársicas (lapiáz, dolinas, uvalas, grutas, algares e vales cársicos). Em Montejunto, são particularmente importantes na parte superior da Serra, nos calcários do Dogger e do Oxfordiano, devido à sua maior carsificação. Na zona central, localmente chamada de "Serra de Cima", encontra-se o ponto mais alto, M. Geodésico Principal Montejunto (666 m), e outros pontos acima dos 500 m, como S. João (661 m), Penha do Meio-Dia (574 m) e o Picoto da Texugeira (562 m), e um relevo vigoroso com vales encaixados (Vale das Rosas e Furadouro) e grandes escarpas (Penha do Meio-Dia e Penha da Figueira). Na sua vertente sul, a encosta íngreme desce 450 m, numa distância aproximada de 1 km.

8. Biótopos mais Representativos

Zonas Rochosas

Escarpas; Cascalheiras; Grutas e Algares : trepadeiras, arbustos incrustados em fendas e líquens.

Matos

Associados à degradação da floresta ou onde as condições edafo-climáticas não permitem a evolução para formações arbóreas.

Tipos principais de Matos:

- **Charneca:** sobretudo nos topos N e S em zonas agrícolas abandonadas. Estrato erbáceo contínuo. Estrato arbustivo descontínuo com o Tojo (*Ulex sp.*) e o Sargaço (*Cistus sp.*) a dominarem.
- **Matagal:** formação com maior área e maior continuidade. Surge a meia encosta e cumes baixos abrigados. Tipo de vegetação que se instala após o fogo. Estrato herbáceo disperso. Vegetação arbustiva de médio porte que cobre o solo quase por completo com Carrasco (*Quercus coccifera*) como dominante, surgindo também o Lentisco (*Phillyrea angustifolia*), a Urze (*Erica sp.* e *Calluna sp.*) o Alecrim (*Rosmarinus officinalis*), a Giesta (*Genista sp.*) e o Tojo (*Ulex sp.*)
- **Maquial:** formação mais próxima da floresta climática, encontra-se muito localizada em vales encaixados e base de escarpas e encostas. Arbustos de grande porte (Carrasco, Medronheiro, Pilriteiro e Zambujeiro) e por árvores pouco desenvolvidas (Carvalho e Zelha *Acer monspessulanus*)
- **Garrigue:** normalmente acima dos 500 metros. Vegetação esparsa. Estrato herbáceo com gramíneas em tufo. Estrato arbustivo baixo e descontínuo deixando aflorar a rocha nua. O Alecrim e o Tomilho (*Thymus sp.*) são dominantes, com carrasco pouco comum e sempre muito rasteiro.



Bosques

- **Carvalhal** (*Quercus faginea*) : outrora comum e espécie dominante na floresta climática, hoje reduzido e fortemente localizado ao bosque do Furadouro. Estrato herbáceo pouco abundante e

estrato arbustivo esparso mas variado com Lentisco, Medronheiro e Carrasco. Estrato arbóreo dominado pelo Carvalho cerquinho (*Q. faginea*) com Medronheiro e Sobreiro menos frequentes.

- **Pinhal**

Povoamentos originados em sementeiras e plantações e degradados pelo fogo.

- **Pinhal manso** (*Pinus pinea*): principalmente na zona SW da Serra entre a Penha do Meio Dia o Casal do Chorão reduzida pelos incêndio de 1989. Sub-bosque pobre devido ao fecho das copas dos pinheiros. Estrato arbustivo com Carrasco, Alecrim e Tojo. Trepadeiras e silvados em zonas mais húmidas.
- **Pinhal de alepo** (*Pinus alepensis*) e **Pinhal bravo** (*Pinus pinaster*): o Pinhal de alepo encontra-se principalmente nas vertentes S-SE e o Pinhal bravo na metade norte da serra. Formam matas mais esparsas onde a luz do sol penetra apresentando um sub-bosque mais desenvolvido. Estrato arbustivo com espécies que dominam o matagal. Há povoamentos puros e mistos.
- **Eucaliptal** (*Eucalyptus globulus*): povoamento que maior área ocupa em Montejunto. Grandes plantações industriais na metade norte (Cercal) e no sopé entre S. Salvador e Abrigada. Solo mobilizado não permitindo o crescimento do estrato arbustivo. Na zona NW surgem pequenas parcelas de eucaliptal de diferentes idades que não são conduzidas intensivamente, e onde por vezes cresce um sub-bosque bem desenvolvido.

Meio Rural

Agglomerados urbanos não ultrapassam os 300 metros. Vinha, pomares cereais, batata até ao limite da zona rochosa. Espaço rural essencialmente periférico. No interior agricultura está limitada a pequenos covões dispersos pela serra, com milho batata e cereais, nos últimos anos abandonados e dando lugar a pequenos eucaliptais.



Campos agrícolas no sopé

9. Hidrologia de Montejunto

Uma das características desta paisagem calcária é a ausência de cursos de água permanentes, de onde resulta a quase inexistência de biótopos aquáticos. Somente na pequena dolina lagoa, junto ao Areeiro, é possível encontrar água durante todo o ano. Embora com valores consideráveis de precipitação, cerca de 1000 mm para a vertente NNW, a água escorre rapidamente pelas encostas íngremes, ou infiltra-se nas fracturas dos calcários, funcionando

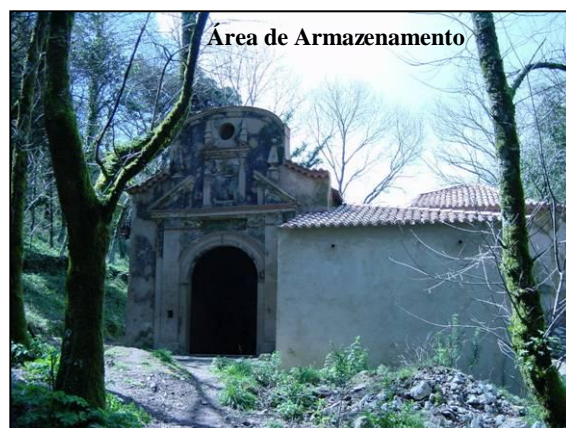


Dolina

assim a Serra, como o principal centro de dispersão hidrográfica da região. Também algumas formas cársticas (dolinas, algares, etc.) desempenham um papel importante no escoamento dessas águas. A reduzida vegetação existente e o elevado grau de fracturação, tornam os calcários do Dogger e do Oxfordiano, as zonas de recarga por excelência que vão abastecer os aquíferos de Vila Verde dos Francos e Matacães (Leitão, 1998). As águas de escorrência, ao contactarem com zonas mais planas e de menor permeabilidade que rodeiam a Serra, formam alguns rios e ribeiros, como o Rio Real e o Rio Bogota, na vertente NNW, e as ribeiras de Ota e do Judeu, na vertente SSE.

10. A Real Fábrica do Gelo

Classificado como Monumento Nacional em Dezembro de 1997 pelo Ministério da Cultura a Real Fábrica de Gelo situa-se na Serra de Montejunto, a 70 km de Lisboa, perto duma Base da Força Aérea. A edificação da "fábrica do gelo" da serra de Montejunto, é geralmente atribuída aos Frades Dominicanos, que aí permaneceram no início do séc.XIII, tendo fundado o primeiro convento em ordem de S.º Domingos de Portugal a mando de João Rosa e Pedro Fracalanza, então concessionários do abastecimento e comercialização do gelo em Lisboa, tendo a obra demorado seis anos.



A citação mais antiga, data de 1741, ano em que os dois responsáveis pelo abastecimento de gelo à cidade de Lisboa executaram obras na serra do Montejunto, aproveitando assim as boas condições climáticas da serra.



O fabrico de gelo iniciava-se no final do mês de Outubro. Cerca de meia centena de tanques amplos e rasos de calcário que serviam para a operação de congelamento, cobriam-se de água que, ao atingir o estado sólido durante a noite, era retirada e colocada em camadas nos poços construídos para o efeito dentro de um edifício típico da altura, perto destes tanques. Naquele tempo dizem historiadores que fazia muito mais frio, daí que esta Serra fosse

conhecida por ser a Serra da Neve, algo que raramente temos nos dias de hoje.

O mês de Outubro era o escolhido para encher os tanques, através de um sistema de condutas (entre tanques), enchendo-os e fazendo com que o passar da noite se transformasse em gelo.

"Antes do nascer do sol dezenas de pessoas, num trabalho árduo, partiam as placas de gelo e amontoavam os fragmentos, para depois os carregar para o edifício dos silos"

Depois de devidamente armazenados nos três "poços" , do qual o mais alto tinha 9 metros de profundidade o gelo era cuidadosamente envolvido em palha e serapilheira, os blocos de gelo eram primeiramente transportados no dorso de pacientes burros, que os conduziam até à base da serra.

Aqui chegados prosseguiam viagem em vagarosos carros de bois até atingirem o porto do Carregado .

A derradeira fase do percurso era efectuada nos "Barcos da neve" que, Tejo abaixo, atingiam finalmente a capital com prioridade absoluta de passagem por ordem real.

Este gelo após esta viagem que chegava a durar até um dia, acabava por chegar às instalações reais e podia então cumprir o seu destino, perecendo na fausta mesa real ou ao balcão de um cafés lisboetas, como o exemplo de "Martininho da Arcada".

O património histórico da Serra inclui ainda no topo a Ermida de Nossa Senhora das Neves, edificada no sec. XIII. Situada junto às ruínas do primeiro convento Dominicano (sec. XIII) esta ermida é local de culto para milhares de cristãos. Nas proximidades existe ainda a pequena capela de S. João Baptista, com azulejos figurativos com temas da vida do santo que lhe deu o nome.

11. A Gestão da Paisagem Protegida



Em 22 de Julho de 1999 é criada a Paisagem Protegida da Serra de Montejunto, área protegida de âmbito regional. Em 2000 passa a integrar a Rede Natura 2000 (lista europeia de sítios de interesse para a conservação da natureza). A Comissão Directiva, composta por um representante da C.M. de Alenquer, um da C.M. do Cadaval e um do ICN, reúne uma vez por mês. Até ao momento funciona apenas de um modo informal.

Segundo a lei que a criou, o Plano de Ordenamento da Paisagem Protegida devia estar concluído no prazo de 3 anos (terminou a 22 de Julho de 2002). **Os Planos de Ordenamento das Áreas Protegidas são instrumentos fundamentais para a salvaguarda do património natural e da diversidade biológica.** Existe ainda na mesma lei da PPSM um Conselho Consultivo (CC) onde tem assento representantes de autarquias, associações e outras organizações locais. Este conselho aprova os planos de gestão da PPSM mas continua sem tomar posse. Assim continuam a faltar planos e programas de gestão que devem ser submetidos a apreciação do C.C.



Falta também um quadro de pessoal que inclua técnicos, administrativos e vigilantes da natureza.

O Dec. Lei nº 19/ 93 de 23 de Janeiro refere no nº 2 do seu artigo 13º que a classificação das áreas protegidas caduca, caso não seja cumprido o prazo para a elaboração do plano de ordenamento, previsto no decreto regulamentar que a criou.

Referências

- Barros, F. & Marques, P., 1999, "Atlas das aves que nidificam na Serra de Montejunto", ADSAICA
- Região de Turismo do Oeste/Espeleoclube de Torres Vedras , 2001 " Guia pedagógico da Serra de Montejunto- Roteiro Natural de Montejunto", Região de Turismo do Oeste